



ANÁLISE E FUNCIONAMENTO DO DISCURSO DO COTIDIANO: TRAÇOS DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA NA INTERAÇÃO SOCIAL

Heraldo Alcântara de Andrade

Nota-se, a partir do retorno ao cenário político dos ideais fascistas, a eleição de Bolsonaro e da maioria dos representantes políticos no Brasil, acentuadamente a partir de 2018, que esse acontecimento foi baseado em discursos autoritários, porém, diferente de cem anos atrás, foi feito baseado em *fake news* e com uso massivo de redes sociais – tendo em vista a não regulamentação delas no país –, de forma a espalhar inverdades midiáticas para atacar e derrotar os adversários políticos da extrema-direita. Essa tática se espelhou na escolha dos candidatos que foram eleitos, pois a maioria de vertente conservadora é baseada nesta orientação política com viés extremista, e entre tantas características do discurso neofascista, uma chama a atenção: o uso de uma linguagem que remete à visão fascista de força, enaltecendo um posicionamento de tradicionalista relacionado aos papéis sociais de gênero, a masculinidade hegemônica (Connel; Messerschmidt, 2005) e a visão socialmente construída de família tradicional (Stanley, 2020, p. 127). Deste modo, de acordo com os professores supracitados, o conceito de masculinidade hegemônica é um conjunto de práticas padronizadas sociais e individuais masculinas, aceitas e estimuladas socialmente, que coloca homens acima de mulheres e de outros homens que não performam esse modelo de masculinidade, contando com suporte social, religioso, econômico, jurídico e institucional em sua dominação dentro de uma dada sociedade (Bourdieu, 2014).

Ao me debruçar inicialmente na materialidade discursiva do ex-presidente Jair Bolsonaro relacionada às questões acima – questões essas que apontam para tal posicionamento político – percebi que esta materialidade é formada por um apego à manutenção de papéis de gênero, uma apego à forma cristalizada da performance de gênero (Butler, 2016, p. 69) em sociedade. Então, como exemplo de análise do que seria inicialmente pesquisado, ainda sob os efeitos devastadores da pandemia de Covid-19 iniciada em 2020, voltei minha atenção a um pronunciamento feito pelo ex-presidente sobre a pandemia sem precedentes em tempos modernos, que ceifou a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo. Enquanto países, já no início daquele ano, se mobilizavam para conter o avanço da doença e evitar o número de mortes, o então presidente do Brasil minimizou a existência da pandemia e, após pressão social, em sua primeira transmissão televisiva a respeito da pandemia do coronavírus, realizada em 24 de março de 2020, responsabilizou a mídia e os governadores pelo caos econômico que as medidas restritivas – criadas para conter a circulação do vírus na sociedade – gerariam e terminou o pronunciamento dizendo que ele não tinha preocupação em contrair a doença que já dizimava várias pessoas por ele “ter um histórico de atleta” e que ele “não precisaria se preocupar, nada sentiria, ou seria, quando muito, acometido por uma gripezinha ou um resfriadinho”, o que evidencia o valor ao corpo masculino e sua importância imbatível frente às doenças e mazelas da saúde.

Este exemplo aponta a masculinidade hegemônica como uma característica discursiva bolsonarista, fundamentada na valorização da construção de um papel social masculino. Neste ponto, desenhava-se o



objeto de pesquisa que seria desenvolvido: o uso contínuo na esfera política de uma materialidade discursiva que refere-se a um padrão estático e socialmente aceito e incentivado de masculinidade. Aqui, nota-se que a condição de produção (relação entre sujeito, situação e memória) do pronunciamento presidencial analisado aponta para um claro posicionamento condizente com uma formação discursiva política relacionada à extrema-direita brasileira, que tem em Bolsonaro sua imagem central. A linguagem, inscrita na história, produz a discursividade, que é caracterizada pela constituição dos sujeitos, com suas posições e sentidos, inseridos e refletidos no discurso (Orlandi, 2017, p. 152), e esta ascensão do sujeito extremista do patriarcado vem acompanhada de uma retórica e de práticas patriarcais consideradas ainda mais agressivas e explícitas em defesa de um ideal masculino (Garcia *et al.*, 2024) como um aspecto sociocultural, tendo em vista, entre tantos casos, que isto foi falado em um pronunciamento oficial.

Assim, para além da materialidade atribuída ao ex-presidente, me debruço na circulação das conversas que ocorrem no cotidiano, ou seja, de que modo, nas conversas do cotidiano, o discurso bolsonarista ressoa entre os mais diversos sujeitos? Quais são os efeitos de sentido dessa ressonância discursiva (Serrani, 1991)? Estas questões se fazem importantes pois a presença de elementos de masculinidade hegemônica e regulação de gênero não ocorre apenas em uma materialidade discursiva exclusiva do aspecto político da extrema-direita, o que promove a observação de como se dá a organização discursiva nas ruas relacionada a esses aspectos, em público, nas esferas de interação social, pois

a conversa se permite e se coloca como objeto de descrição e de interpretação justamente por seguir uma “normatividade” do senso comum, um real não logicamente estável. Pela conversa vai-se permitir ao senso comum que se sustente sobre aquilo que se inscreve como memória do nosso dizer (Mattos, 1998, p. XIX-XV).

Compreendendo o conceito de ressonância discursiva como uma repetição de significados entre diferentes materialidades e sua consequente modulação de sentidos (Serrani, 1991, p. 103), passei a observar como que a presença de elementos de masculinidade hegemônica inseridos em discursos políticos veiculados à extrema-direita brasileira circula e ressoa no âmbito social em espaços públicos (praças, rua, parque, etc), estabelecimentos comerciais (academia, supermercado, etc.) e meios de transporte (ônibus, vans, etc), tendo em mente que há regras e padrões sociais presentes no cotidiano das relações interpessoais que regulam as ações do sujeito naquela sociedade (Lagazzi, 1988, p. 45).

Deste modo imbuído desta observação histórica e política, ao ser constituído como sujeito pela ideologia política e pelas práticas discursivas que me rodeiam (Pêcheux, 2014b), passei a observar que estes ideais políticos alinhados à extrema-direita apontavam em sua materialidade para uma rigidez latente para as questões de gênero e seus papéis a serem desempenhados no âmbito social, ora colocando estas questões como condições *sine qua non* que atestam os “bons valores morais” de um passado idílico, ora criando pânico social por meio do terrorismo de gênero (Bento, 2011; Silva, 2025). Assim, ao citar Stanley (2020, p. 137-138, grifos meus),

Ao empregar a política da ansiedade sexual, um líder político apresenta, ainda que indiretamente, a liberdade e a igualdade como ameaças. A expressão de identidade de



gênero ou preferência sexual é um exercício de liberdade. Ao apresentar homossexuais ou mulheres transexuais como uma ameaça a mulheres e crianças – e, por extensão, à capacidade dos homens de protegê-las –, a política fascista impugna o ideal liberal de liberdade.

(...)

A política da ansiedade sexual também enfraquece a igualdade. Quando a igualdade é concedida às mulheres, o papel dos homens como únicos provedores de suas famílias é ameaçado. **O destaque do desamparo masculino diante das ameaças sexuais e suas esposas e filhos acentua esses sentimentos de ansiedade diante da perda da masculinidade patriarcal. A política da ansiedade sexual é uma forma poderosa de apresentar a liberdade e a igualdade como ameaças fundamentais, sem aparentar explicitamente rejeitá-las.** Os políticos, então, voltam sua atenção para os locais das fontes mais notórias e concentradas de desvio sexual e ameaças violentas – os centros urbanos cosmopolitas.

pude notar que – como método discursivo de controle dos corpos – reforça-se o estereótipo das funções de gênero, no qual são incluídos os crimes de estupro, agressão e a aversão às diversas formas de não heterossexualidade, principalmente quando os papéis masculinos tradicionais (o pai de família, por exemplo) são ameaçados por questões econômicas (Stanley, 2020., p. 127), suprimindo a liberdade pessoal e social nas comunidades em que esses discursos se fazem presentes (Heller, 2016, p. 119), baseados em um fundamentalismo religioso que reforça o descontentamento da família tradicional com os avanços sociais e ganhos de direitos de outros membros da sociedade e outras formas de socialização (Miguel, 2018, p. 20). Assim, questiono: como o discurso bolsonarista – relacionado à manutenção e vigilância de gênero – ecoa no meio social? Quais os efeitos de sentido engendrados?

Como gestos de teorização que tentam responder as perguntas acima, mobilizo os conceitos de sujeito, ideologia, espaço urbano e voz. Primeiramente, é nas marcas do cotidiano que a ideologia se manifesta e o sujeito se faz presente. Segundo Pêcheux (2014a), a ideologia não é apenas um conjunto de ideias ou uma "falsa consciência" que distorce a realidade. Ele desenvolve sua concepção de ideologia a partir das reflexões de Louis Althusser (2023), que propôs que a ideologia tem uma existência material e interpela os indivíduos como sujeitos, ou seja, Michel Pêcheux entende a ideologia como um conjunto de ideias, crenças e valores que estruturam a forma como as pessoas percebem a realidade e interagem com ela. Assim, Pêcheux, influenciado por Althusser, vê a ideologia como algo constitutivo do sujeito e da linguagem, moldando a forma como pensamos e agimos, aprofundando essa ideia ao relacionar a ideologia de forma intrínseca à linguagem e ao discurso pois é materializada no discurso, e é através dele que ela opera seus efeitos. A ideologia, portanto, produz um efeito de evidência na linguagem, ou seja, os sentidos ideológicos têm aparência natural, óbvia e universal, quando, na verdade, são construções históricas e sociais.

Por isso a ideia de que o sujeito é constituído historicamente. O indivíduo é interpelado pela ideologia e, assim, constitui-se sujeito do discurso, o qual, sendo dotado de inconsciente, não se dá conta dessa interpelação. De acordo com Orlandi (2006, p. 19), “dessa interpelação do indivíduo em sujeito resulta uma



forma-sujeito histórica”. O lugar do sujeito é construído pela função social que ele exerce, a qual comporta a autoridade do sujeito e, conseqüentemente, o valor do seu dizer.

Mas qual o espaço de produção e circulação da ideologia no cotidiano? Se Orlandi (2023, p. 232) conceitua o discurso como o encontro da ocorrência da liberdade do locutor com a ordem da língua em um lugar, então cabe esmiuçar o que conceitua e qual a dinâmica do espaço público. A Análise do Discurso Materialista conceitua o espaço público não como um cenário físico trivial, mas um local onde os discursos são produzidos, circulam, se confrontam e constituem sujeitos e sentidos. O espaço público é a arena na qual diferentes formações ideológicas se materializam em discursos. Seja em debates políticos, manifestações, mídias de massa ou mesmo conversas cotidianas, a linguagem utilizada nesses espaços é atravessada por ideologias que buscam naturalizar certos sentidos e posições.

Uma última apresentação teórica que compõe este trabalho é o posicionamento da voz dos sujeitos participantes, capaz de, mais do que a materialidade em si, destacar a intenção daquele sujeito no jogo conversacional. Deste modo, pode-se averiguar que, dentro de uma prática conversacional, as relações interpessoais são também ditas pelo corpo físico, que se molda àquela prática e ao ambiente em que se dá a ação conversacional, e pela voz, vista como um meio essencial à enunciação e “forma material cuja dimensão significativa não se encontra na língua onde ela faz corpo na formação de palavras e frases, mas no espaço em que torna corpo em discurso, abrindo possibilidade de haver ou não sujeito, de haver ou não sentido” (Souza, 2014, p. 206).

Como exemplo de análise, trago um fato de linguagem (Orlandi, 2020, p. 35), no qual um homem adulto, ao ver um garoto (adolescente, por volta dos 15 anos de idade), profere a seguinte sequência discursiva:

“Saudade de quando homem era homem e mulher era mulher... hoje em dia tá tudo trocado. Última geração de homem que nasceu com testosterona foi a minha, hoje em dia é essa palhaçada, tudo de mimimi que faz o L”.

É possível notar que essa sequência discursiva é governada por formações ideológicas que projetam-se na linguagem pelas formações discursivas, ou seja, “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito” pois as formações discursivas são determinadas pelo interdiscurso, “constituído de todo dizer já-dito” (Orlandi, 2006, p. 17-18). Neste recorte, percebe-se a produção de evidência de sentidos, de modo que o sujeito-locutor, ao se incomodar com a expressão de identidade do jovem que foge de convenções sociais, evidenciada pelas unhas pintadas, faz emergir uma vigilância e uma regulação de gênero (Butler, 2016, p. 69) atreladas a um posicionamento político (*faz o L*, que aponta para Lula, presidente eleito pelo Partido dos Trabalhadores), de modo a criar uma divisão sexual e política pela linguagem.

O fato dessa SD ter ocorrido no espaço urbano, espaço este entendido, de acordo com Mariani (2001) no qual ocorrem a disputa e a circulação de sentidos, faz circular um imaginário social (aqui, correlacionado



à política e ao gênero) que faz com que a voz do sujeito se adeque àquele espaço e situação. O sujeito-locutor, ao proferir tal sequência, falou em voz baixa, em tom de reprovação (provavelmente consciente das consequências até mesmo judiciais que sua “simples opinião” poderia lhe causar. Neste ponto, a análise vocal pode ser entendida como uma ferramenta importante ao possibilitar um maior entendimento daquele contexto e das intenções por trás das interações verbais, pois, de acordo com Chun & Madureira (2015, p. 114-115),

quando um sujeito fala, sua fala provoca impressão diversa no seu interlocutor, isto é, sentimentos diversos e, embora possa parecer original, o falante está, na verdade, reproduzindo um padrão social com toque de individualidade, como afirma Sapir (op. cit.)¹. Acompanhamos ainda esse autor, quando acrescenta que essa estrutura vocal básica, puramente individual e natural, constitui algo que não pode ser desfeito, mas que deve ser desvelado, decompondo-se as estruturas sociais e individuais sobrepostas.

Para concluir, pela linguagem, nota-se a produção de evidências de sentidos, de modo que existem a naturalização e a cristalização de um determinado sentido (Mariani, 2011). Quando nos inscrevemos na linguagem, somos instantaneamente subjugados à ordem da língua dentro de uma constituição sociocultural e histórica, tendo em vista que se inscrever em uma estrutura linguística pré-existente, com um funcionamento próprio e que produz sentidos previamente constituídos em um dado contexto social e histórico é uma condição fundamental para tornar-se humano, visto que

a linguagem se marca como uma imposição, se antecipa à nossa existência, é anterior, estabelece alteridade e nela estão inscritos os lugares de autoridade e de legitimidade de uma formação social historicamente determinada. Tal inscrição em uma linguagem produz a passagem da natureza para a cultura, do natural para o simbólico, **produzindo a inscrição das/nas leis simbólicas do meio sociocultural e propiciando, ao mesmo tempo, a possibilidade de adesão, divergência e produção de diferenças nesse mesmo meio social**. Entramos na linguagem e ficamos, assim, imbricados nos efeitos de língua como trabalho simbólico (Mariani, 2011, grifos meus).

Portanto, pela ressonância discursiva retratada, por não escapar da determinação histórica, tampouco da interpelação ideológica do sujeito, o corpo faz parte da ideologia, ancorado pelos modos de produção da vida material que condicionam o conjunto dos processos da vida social e política (Orlandi, 2017, p. 95), constantemente vigiado no meio social.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2023.
- BENTO, Berenice. Na Escola se Aprende que a Diferença Faz a Diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 336, maio/ago. 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina: A Condição Feminina e a Violência Simbólica**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

¹ As autoras fazem referência ao texto *A Fala como Traço da Personalidade*, de E. Sapir ([1927] 1961).



- CONNELL, R. W; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept. **Gender & Society**, v. 19, n. 6, p. 829-859, dez. 2005.
- CHUN, Regina Yu SHON; MADUREIRA, Sandra. A Voz na Interação Verbal: Como a Interação Transforma a Voz. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 31, p. 112-138, 2015.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 11. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.
- LAGAZZI, Suzy. **O Desafio de Dizer Não**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1988.
- MARIANI, Bethania. Pontuando Sentidos em Trânsito. **Escritos: Percursos Sociais e Sentidos nas Cidades**, Labeurb/Nudecri/Unicamp, n. 1, 2001.
- MARIANI, Bethania. "Eu Quero Ser Feliz": O Sujeito, seus Desejos e a Ideologia. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; LEANDRO-FERREIRA, M. C. (org.). **Memória e História na/da Análise do Discurso**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.
- MATTOS, Maria Augusta de. **Dispersão e Memória do Quotidiano**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.
- MIGUEL, Luis Felipe. A Reemergência da Direita Brasileira. In: GALLEGU, Esther Solano (org.). **O Ódio como Política: A Reinvenção das Direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (org.). **Discurso e Textualidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- ORLANDI, Eni P. **Interpretação: Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- ORLANDI, Eni P. **A Linguagem e seu Funcionamento: As Formas do Discurso**. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014a.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F; HAK, T. (org.). **Por uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014b.
- SERRANI, Silvana. **A Paráfrase como Ressonância Interdiscursiva na Construção do Imaginário de Língua**. 1991. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.
- SILVA, Fabio Mariano da. Quantos Homens Nós Somos? **Café Filosófico CPFL** (Youtube), 13 abr. 2025.
- SOUZA, Pedro de. Sobre o Discurso e o Sujeito na Voz. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n. 34, jul./dez. 2014.
- STANLEY, Jason. **Como Funciona o Fascismo: A Política do "Nós" e "Eles"**. 4. ed. Porto Alegre: L&PM, 2020.